

## **“Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus – interpretação do Brasil e “literatura como missão”**

*Patrick de Oliveira*<sup>1</sup>

*“Poética de resíduos”*<sup>2</sup>  
*Heloisa Buarque de Holanda*

**Resumo:** O presente artigo propõe resgatar o valor literário da obra “Quarto de despejo – Diário de uma favelada” da autora Carolina Maria de Jesus. Questiona o processo de autoria branca nos livros que se propõem interpretar o Brasil, bem como, indaga a valorização e importância dos escritos acadêmicos sobre o Brasil e a própria produção de um pensamento social brasileiro que se organiza branco, acadêmico e excludente. Restaura a condição de autora de Carolina Maria de Jesus e retoma seu legado escrito. Utiliza o conceito de “literatura como missão” de Nicolau Sevcenko e esboça uma interpretação do Brasil a partir de “Quarto de despejo”. Neste sentido, coloca Carolina Maria de Jesus em condição de igualdade com outros autores intérpretes do Brasil. O lugar de intérprete nunca é um lugar favorável, pois ele tende a ficar agarrado no seu tempo e perder de vista o próprio rumo dos acontecimentos da história e das coisas. O que fica no tempo, ou deixado no tempo, não está impedido de lançar luz no novo tempo contribuindo assim com o entendimento acerca da realidade que embora nova permanece sempre continuadora do passado, assim é “Quarto de despejo”.

**Palavra chave:** Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo, interprete, literatura como missão, antropologia literária.

**Abstract:** This article proposes to rescue the literary value of the work “Room of Eviction - Diary of a Slum” by author Carolina Maria de Jesus. It questions the process of white authorship in the books that intend to interpret Brazil, as well as, it questions the valorization and importance of the academic writings about Brazil and the very production of a Brazilian social thought that organizes itself white, academic and exclusionary. Restores the condition of author of Carolina Maria de Jesus and retakes her written legacy. It uses Nicolau Sevcenko's concept of “literature as a mission” and outlines an interpretation of Brazil from the “Eviction Room”. In this sense, it puts Carolina Maria de Jesus on an equal footing with other Brazilian interpreters. The interpreter's place is never a favorable place, as he tends to cling to his time and lose sight of the course of events in history and things. What is left in time, or left in time, is

---

<sup>1</sup> Patrick de Oliveira é membro-discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFG.

<sup>2</sup> A ensaísta e crítica literária Heloísa Buarque de Holanda chamou de “poéticas de resíduos” o livro “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus.

not prevented from shedding light in the new time, thus contributing to the understanding of the reality that while new remains ever-continuing from the past, so is "Dumping Room."

**Keyword:** Carolina Maria de Jesus, Dump room, interpreter, mission literature, literary anthropology

## **Introdução**

Souza (1988) enfatiza a contribuição da Antropologia para os estudos das ciências humanas e principalmente para a literatura. A autora citada entende que ignorar a dimensão cultural das manifestações artísticas, desproveria a literatura de significado contextual “restrito a uma ilusória autonomia” (SOUZA, 1988, p.110). As reflexões de Souza (1988) que se deram a partir do encontro da autora com o pensamento do antropólogo Levi-Strauss, contribui para pensar o lugar da literatura na interface com a antropologia na obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus. Souza resgata a crítica de Levi-Strauss ao etnocentrismo, sobretudo no que se refere à abertura para o outro. É neste lugar que queremos resgatar Carolina Maria de Jesus como o outro que fala, ou que tem lugar de fala, ou mesmo, algo a dizer.

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora favelada, ela nasceu em 1914 na cidade de Sacramento em Minas Gerais e veio a falecer em São Paulo no dia 13 de Fevereiro de 1977. Era pobre e negra e uma das pioneiras entre as mulheres negras a se tornar escritora no Brasil. Ela morou boa parte da sua vida na favela Canindé, na zona norte de São Paulo. Catava papel nas ruas de São Paulo para sustentar a si mesma e seus filhos, nas horas vagas em cadernos encontrados às vezes no lixo ou mesmo nas folhas de embrulho do papel de pão, ela escrevia seu diário. Em 1958 o jornalista Audálio Dantas teve acesso ao seu diário, ele ajudou Carolina a publicar o livro “Quarto de Despejo – diário de uma favelada” que fez muito sucesso sendo traduzido para catorze línguas. (LEVINE, 1994; FARIA, 2018).

Segundo Faria (2018), a infância de Carolina não foi mil maravilhas, ela é oriunda de uma comunidade rural, filha ilegítima de um homem casado e foi muito maltrada. Aprendeu a ler e a escrever aos oito anos de idade frequentando até o segundo ano do primário como dizia antigamente. Carolina deixou a comunidade rural do

município de Sacramento em 1947, foi impelida a migrar após a morte da sua mãe. Na favela Canindé em São Paulo construiu sua própria casa de madeira, utilizando lata e papelão e qualquer material que pudesse encontrar. Seu sustento era oriundo do trabalho de catar papel, ela fazia isso todas as noites.

Como analisa Faria (2018) quando Carolina chegou a São Paulo ela foi trabalhar na casa do cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, um dos precursores da cirurgia de coração no Brasil. Nos dias de folga na casa desse médico Carolina lia os livros de sua biblioteca. Carolina foi mãe de três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice. Não casou e não teve ajuda de ninguém na criação dos filhos, no seu diário ela diz: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.” (JESUS, 2014, p.17). Carolina manteve diversos relacionamentos durante a vida, foi pedida em casamento por alguns namorados, porém jamais aceitou. Seus três filhos, são de pai diferente, Levine (1994) conta que seu primeiro filho foi fruto do relacionamento com um marinheiro português que abandonou ela grávida e que ele era muito ciumento, o segundo filho é do relacionamento com um comerciante espanhol, ela terminou o relacionamento devido às traições dele, a terceira filha foi fruto do relacionamento com um empresário brasileiro, ela conta que terminou com ele porque era agressivo e humilhava.

Carolina trabalha a noite como catadora, em vários momentos do seu diário ela faz menção ao trabalho noturno: “Saí à noite, e fui catar papel.” (JESUS, 2014, p.14); “Trabalhei até as 11,30<sup>3</sup>. Quando cheguei em casa era 24 horas.” (p.15); “Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. (...). Quando cheguei liguei o rádio para saber as horas. Era 23,55.” (id., ibid, p.17); “Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30.”; (id.,ibid, p.24), ela trabalhava de dia também, no momento que não estava catando papel, Carolina escrevia. Faria (2018) diz que Carolina registrava o cotidiano da comunidade onde morava nos cadernos que achava no lixo. O biógrafo afirma que estes cadernos de Carolina somavam mais de vinte, entre eles estava seu diário que ela havia começado a

---

<sup>3</sup> Escrevo tal como está escrito no diário da autora.

escrever em 1955. Seu diário deu origem ao seu livro de maior sucesso “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, publicado em 1960.

A primeira tiragem de “Quarto de despejo” foi de 10 mil exemplares e esgotou-se em uma semana. Foi traduzido para quatorze línguas e vendeu mais de um milhão de exemplares, tornando um dos livros mais conhecidos no exterior. Faria (2018) diz que depois do sucesso, Carolina teve que lidar com a raiva e a inveja de seus vizinhos, que a acusaram de ter falado de suas vidas pessoais sem autorização. Com sucesso do livro Carolina mudou com seus filhos para o Bairro Santana, reduto de classe média na zona norte de São Paulo. Em 1963 ela publicou um segundo livro “Pedaços de fome”, um romance e Provérbios. Mudou-se para Parelheiros em 1969, na região da zona sul de São Paulo, o local lembrava sua infância na comunidade rural, neste local, Carolina teve um pouco de sossego plantava milho, cuidava da jardinagem, lia e escrevia.

Carolina traduziu a favela como “quarto de despejo”, foi no seu quarto na sua casa-sítio em Parelheiros que ela veio a falecer aos 62 anos vítima de insuficiência respiratória, devido à asma, no dia 13 de fevereiro de 1977. No “quarto de despejo” da favela ela começa sua vida de escritora e no seu quarto na sua casa ela despede do mundo e da escrita. No entanto, a escrita jamais deixou de falar de Carolina, de escrever sobre Carolina. Tem-se notícia de algumas biografias de Carolina Maria de Jesus, uma do brasileiro Tom Farias intitulada “Carolina – uma biografia” (2018), que é a mais recente. Robert M. Levine escreveu um longo artigo-bibliografia denominado “The cautionary tale of Carolina Maria de Jesus” (1994), que foi muito lido na época. “Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus” (2007) de Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado. Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy escreveram juntos “Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus” (1994), o artigo citado anteriormente é parte do material da biografia. “Carolina” (2016) de Sirlene Barbosa e João Pinheiro. “Carolina Maria de Jesus: uma escrita improvável” (2010) de Joel Rufino dos Santos. “Carolina Maria de Jesus – o estranho diário da escritora vira lata” (2012) de Germana Henrique Pereira de Souza.

Carolina continua inspirando leitores e escritores, é interessante perceber o quanto sua obra escrita nas vésperas de eclodir uma ditadura no país, ganhou tamanha

relevância neste momento de Brasil. Jovens, adultos, uma outra geração diferente daquela que leu seus livros nos idos dos anos 60, 70 e 80 do século passado, estão lendo em nossos dias. Porque a obra de Carolina tem despertado o interesse dessa geração atual? O que as obras escritas por Carolina têm falando hoje para as pessoas? Carolina denuncia a violência do capitalismo e do materialismo sobre a vida das pessoas na favela. Carolina imprime valores, seus “resíduos poéticos” como vai dizer Heloisa Buarque de Holanda, tem dito as pessoas sobre valores e conduzido elas a pensar sobre a vida, sobre as coisas, sua importância e também falta de importância. O que pretendemos com o presente artigo é elucidar como a obra de Carolina Maria de Jesus se instaura como ponte de diálogo, de tessituras para a antropologia literária, ou melhor, elucidar como a obra de Carolina é de uma grandiosidade não só para a literatura como também para antropologia. É desses “resíduos” de Carolina que é possível tecer uma antropologia literária que coloca Carolina em pé de igualdade com qualquer outro escritor da literatura brasileira. Carolina, mulher negra, favelada, catadora de papel e escritora, ela interpreta o Brasil.

### **Carolina Maria de Jesus: intérprete do Brasil**

Carolina escreve com audácia, seu diário coloca em questão uma variante de leituras e interpretações sobre o negro na sociedade brasileira. Ela traz um divisor de águas, longe de resolver o problema, “Quarto de despejo” coloca o problema a vista de todos. Os estudos que se propuseram a interpretar o Brasil no começo do século XX, traziam uma única possibilidade de pensar o negro na sociedade brasileira, essa possibilidade não só acentuavam estereótipos e uma série de pressupostos excludentes, como impossibilitava qualquer leitura mais genuína da questão. Os textos de Carolina, especificamente “Quarto de despejo” entra em cena em um momento crucial do país, ou seja, o Brasil precisava conhecer o Brasil. O que se tinha produzido até então acerca do Brasil estava muito distante da realidade: nem Gilberto Freyre, nem tão pouco Sérgio Buarque de Holanda e muito menos Caio Prado Júnior, autores consolidados na *intelligentsia* consegue resolver o dilema brasileiro.

A obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala” lançada em 1933, representa para o pensamento social brasileiro, um marco na formação sociocultural

brasileira. “Casa Grande & Senzala” não forma somente mentalidades, este livro insere na vida social organizando ideias, pensamentos e atitudes acerca do negro, sua cultura, sua performance, sua forma de existir no mundo. Outro livro que se insere nesta mesma lógica é “Raízes do Brasil” lançado em 1936, o livro vendeu milhões de exemplares, trata-se de um ensaio de cunho acadêmico. “Raízes do Brasil” na linha das grandes obras brasileiras do modernismo cuja intenção era reconhecer o país, ganha na criativa façanha de entender os processos sociais a parte dos fenômenos culturais, mas perde na sua falta de perspicácia em conhecer de perto os personagens que povoam o ensaio. É uma obra intimista, proveitosa, porém distante da realidade. Caio Prado Júnior em “Formação do Brasil Contemporâneo” lançado em 1942 é um livro tão vicioso na historiografia brasileira que até os dias de hoje anima as discursões de tudo aquilo que os alunos do ensino fundamental e médio aprendem no que se refere a formação histórica do país. Sem falar que ambos livros, tem como sustentáculo e pano de fundo, o patriarcado. (SKIDMORE, 1989; SCHWARCZ, 1993).

É Cândido (2016) quem junta Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, os coloca na condição de intérpretes para falar do Brasil do seu tempo que influenciou uma geração de autores. Esses autores citados acima são unânimes em visualizar nos trezentos anos de escravidão, na miscigenação, no fator da população negra ser a maioria na sociedade brasileira, nos problemas sociais que tudo isso gerava, bem como no cientificismo da época que via a própria degradação de um povo, a questão básica das suas teorias: a impossibilidade do desenvolvimento do Brasil como uma grande potência. O que estava por traz desses apontamentos tinha a ver com uma indagação que estava na cabeça e fluindo na mentalidade da intelligentsia da época: como resolver o problema do Brasil. E o problema do Brasil tinha a ver com o estoque de africanos escravizados e seus descendentes que se dispersaram na sociedade brasileira após o fim da escravidão. Não sabia o que fazer com esse estoque de gente ociosa e desocupada, era um desconforto para a classe média branca desejar um país que se engatinhava na epopeia da *Belle Époque* francesa, na cultura cosmopolita, com um contingente volumoso de escravizados libertos analfabeto. (SKIDMORE, 1989; CÂNDIDO, 2016).

Não há dúvida nenhuma que as três obras citadas são de grande relevância para a cultura brasileira, com os vários furos que existem nela, elas contribuem a todo o momento para repensar o Brasil. A questão é que há uma certa tendência na intelectualidade brasileira de manter certas obras no lugar de cânone, instituindo uma universalidade que cria uma redoma inquebrantável em torno delas que torna impossível a mudança de pensamento e anulação da cristalização que estão em torno delas. A academia contribui com essa solidificação do aparato clássico da obra com tons de universalidade, sobretudo quando exige dos acadêmicos citações de fontes que se reportam a este tipo de escrita clássica. Distante dessa intelligentsia branca e elitizada que iam se formando no Brasil, na periferia do discurso e da escrita comparecia uma fala outra, a fala dos “subalternos” como vai dizer a indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu “Can the subaltern speak?” (Pode o subalterno falar?) de 1985. Os subalternos sempre falam, mão não são escutados.

Nos idos dos anos 1950 os estudos sobre o Brasil começam a ganhar outro rumo. É neste momento que a UNESCO financia uma série de pesquisas sobre a organização racial e social no Brasil devido a distorcida imagem de uma democracia racial brasileira que anunciava a obra de Gilberto Freyre “Casa Grande & Senzala”. Sobre isso Schwarcz (2010) vai afirmar:

A “democracia racial” formulada por Arthur Azevedo, mas exemplarmente desenvolvida por Gilberto Freyre, foi exaltada de forma a se menosprezarem as diferenças diante de um cruzamento racial singular. [...] Neste momento, em que o conflito passa para o terreno do “não-dito”, fica cada vez mais difícil ver no tema um problema; ao contrário ele se modifica, nos anos 30, em matéria de exaltação (SCHWARCZ, 2010).

Surge uma série de novos intelectuais jovens desejosos de pensar o Brasil, entre eles o antropólogo Darcy Riberto, o sociólogo Florestan Fernandes, o sociólogo Sérgio Micelli entre outros. Esses estudiosos mudaram o foco do discurso, não seguiram no mesmo caminho dos três citados anteriormente, no entanto, eles inauguram uma outra mentalidade acerca do negro na sociedade brasileira. Estes intelectuais enfatizaram o sofrimento e a violência sofrida pelos escravizados na formação social do país. Seus estudos colocam negros e pobres em situação de reféns tirando deles a capacidade de

ação, criação e invenção, colocando-os sobre a condição de vítima. É neste momento que surge a obra “Quarto de despejo” lançada em 1958 de Carolina Maria de Jesus, entra em cena para dá notícia de um outro discurso. Carolina falava pelas berradas, estava nas margens escrevendo em forma de diário sua condição de descendente de africanos e afro-brasileiros escravizados e membro do contingente do estoque de negros desempregados, sem perspectiva, desterrado. Não há diálogo, a voz da academia e a voz da subalterna, no sentido mesmo que Spivak (1985) situa, é a favelada, mulher, negra e catadora de papel falando para mundo.

Não há vitimismo em “Quarto de despejo”, Carolina está o tempo todo em ação para a sobrevivência. Ela cata papel, dorme tarde, escreve, sente raiva, ódio, alegria, elabora a vida, levanta cedo, educa os filhos, lava roupa, arruma o café das crianças, faz o almoço, corre atrás do sustento, o diário revela muito movimento e ação na vida de Carolina. Ela faz isso afim de bancar a pobre existência na favela. Carolina sonha, ela deseja sair da favela, vislumbra um outro mundo, a escritora não está nem um pouco parálitica e conformada com tudo. Ela não credibiliza nada daquilo que ela vive na favela, ela sabe bem que é fruto de injustiças sócias, ele tem profunda noção disso. Carolina acredita que só é possível sair dali (da favela) fazendo algo, procurando mudança, querendo algo melhor.

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão sossego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizento a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha (JESUS, 2014, p.12).

Será somente a partir dos anos 1980 que os estudos sobre o negro, sua historia e cultura ganhará outro patamar. É a partir desse momento que uma nova linha de estudo e pesquisa começa a repensar o papel do negro e daqueles que foram escravizados na formação cultural do Brasil. O foco desses estudos era: o negro foi agente dentro da estrutura escravocrata com capacidades de mobilização e estratégias em benefício próprio. Esses estudos começaram a ganhar enorme relevância porque eles trouxeram para o debate o negro tal como ele comparece no processo histórico brasileiro. Não há

uma romantização, nem tão pouco uma fetização, ou um mesmo certo exotismo e estranhamento do negro, tal como se deu nas pesquisas anteriores. “Quarto de despejo” se reúne no meio dessas duas produções acerca do negro na sociedade brasileira. O livro se encontra depois e durante as produções que marcaram os estudos financiados pela UNESCO, que são importantes no processo de escrita da história do negro no Brasil. “Quarto de despejo” está antes das produções que marcam o início de uma leitura do negro despojada de estereótipos, vitimismos e exotismos.

A obra de Carolina Maria de Jesus “Quarto de despejo” funciona como um hiato entre os primeiros textos sobre o a formação social do Brasil e a inserção do negro nesta formação e estudos dos anos 1980 que vão tornar possível visualizar o negro na condição subalterna a priori da escravidão e depois do mundo do trabalho, porém sendo protagonista, movimentando ação, fazendo coisas para modificar a dura realidade da vida. Carolina instaura isso em “Quarto de despejo”, seu próprio corpo está o tempo todo dando notícia do movimento e da mudança. Carolina escreve e enquanto relata em seus diários transforma em movimento não somente as próprias palavras, mas também a realidade que a cerca, ela não deixa a coisa tomar rumos desproporcionais, ela pensa nos filhos e insistir em ofertar a eles o mínimo:

Escrevi até as 2 horas. Depois fui carregar água. Enchi a barrica e as latas. Fiz uma trempé de tropeiro e puis água a ferver para pelar o porco. Comecei a pensar no que ia preparar: chouriço, lombo assado e couro do porco no feijão. Fiquei contente. Eu ia comer carne, na realidade. Comecei cantar, cantei (JESUS, 2014, p.163)

### **“Literatura como missão” em Carolina Maria de Jesus**

No seu severo livro “Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República”, o historiador Nicolau Sevcenko, inaugura não sem críticas e maus olhares, uma abordagem interdisciplinar que enveredava para a história da cultura. O pensamento interdisciplinar convoca o escritor/pesquisador a visitar muitos lugares, a dialogar com outras formas de saber e enveredar por outras ciências muitas das vezes. Sevcenko faz isso com maestria, em um compêndio que exige muita atenção do leitor.

Seu interesse é pensar o Brasil, e pensá-lo a partir da diversidade, ou melhor, visualizar o país sobre vários ângulos. Ele utiliza de dois personagens/escritores para ajudá-lo em sua empreitada. Seus interlocutores são: Euclides da Cunha e Lima Barreto, ele mesmo descreve, situando as diferenças de ambos que ele vai demarcar durante todo o livro: “Enquanto Euclides se revela materialista, determinista e animista. Lima Barreto inclina-se para a vertente idealista, relativista e voluntarista”. (SEVCENKO, 2003, p.238). A leitura de da obra de Nicolau Sevcenk fez-me pensar em Carolina Maria de Jesus e o papel que ela tem na cultura brasileira e de que forma ela nos ajuda a atender melhor Brasil. Tendo Sevcenko como inspiração busquei situar Carolina em um outro lugar que não é nem o de Euclides da Cunha e nem de o Lima Barreto, Carolina se inclina para uma vertente que chamo de realista ficcional, trágico-poética e de superação, poderia acrescentar aqui de denúncia.

Na obra “Quarto de despejo”, de maior repercussão de Carolina Maria de Jesus, a autora elabora textos a partir do seu próprio universo. Carolina tem realidades e vivência, ela vive uma vida que se inscreve em nome próprio. Faz desse cotidiano um diário, ela escreve enquanto tece sonhos. Souza (1988) no seu estudo de antropologia literária informa que o antropólogo Levi-Strauss possibilitou ela pensar a “minuciosidade do texto, a relação enriquecedora dos pares de oposição, abertura maior para intertextualidade.” (SOUZA, 1988, p.113). É interessante situar aqui o pensamento de Levi-Strauss, sobretudo na sua obra “Mitológicas”, onde o antropólogo rompe com as hierarquias de valores e a concepção falsa da totalidade. Trata-se de um exercício de comparação exaustivo empregado pelo antropólogo com a finalidade de elevar o mito dos povos indígenas / aborígenes a condição de dito rompendo com a supremacia do cânone literário, textual, cientificista europeu.

Pois bem, “Quarto de despejo”, trata-se antes de tudo de minuciosidades do mundo particular de Carolina Maria de Jesus, insere no espaço do seu barraco, da rua, das relações com vizinhos, das dinâmicas da vida com os filhos, com o trabalho de catadora de papel, da sua escrita e de muitos sonhos. A própria Carolina insere-se no seu mundo como escritora, ela comunica isso, se posiciona como tal: “Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que

aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 2014, p.20).

Enquanto Carolina escreve ela tece sonhos, sua escrita não é vazia, não é desprovida do mundo que ela também elabora e que ela entende ser injusto e cheio de intempérie. A consciência social de Carolina é viva e muito significativa do começo ao fim em “Quarto de despejo”, ela sabe o que se passa no Brasil, tem notícia dos acontecimentos, ela não escreve ficção, ela escreve a realidade, porém a ficção da sua realidade é um exercício contínuo da própria realidade. Ou seja, embora sua obra seja profundamente factual fundada na sua dura realidade descritiva, nua e crua, a ficção se mostra como esforço de escrita presentificando uma realidade ficcional. Não se trata de mera invenção, Carolina não inventa sua realidade, sua narrativa transita por uma necessidade de escrever o que ela vive na favela, com um desejo na fantasia de se construir como escritora. Há ficção nessa fantasia que possibilita Carolina ver a favela, sua vida, mundo e os acontecimentos ao seu modo. Ela diz: “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 2014, p.22).

Entendo que a escrita possibilita Carolina fugir do torpor, da dureza da vida e das dificuldades que se apresentam na relação com os outros da favela, sobretudo com o próprio o caos da condição de vida. É o que me faz pensar, que sua escrita elaborada ao seu modo, tem um tanto quanto de realidade ficcional. Isso não torna o que ela vai escrevendo em seu diário menos ou mais valioso, não se trata de conceder valor, mas de perceber os recursos que Carolina utiliza para elaborar o que ela mesma escreve. Em outro momento ela também diz: “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 2014, p.25). Entre a realidade e a ficção há um limite, ou seja, toda realidade tem seu lado irreal, seu lado ficcional. Quando somos convocados ou nos prontificamos a escrever sobre nossas vidas como é o caso de Carolina Maria de Jesus em “Quarto de despejo”, preenchemos nossos furos, esquecimentos, vazios, com algum tipo de ficção, de imaginação. Os sonhos de Carolina são carregados de imaginação. O que desejo salientar aqui é uma certa objetividade que as vezes parece

ser reivindicada sob o texto de Carolina, como se a objetividade fosse a única forma do texto ganhar tamanha relevância. A “narrativa tragicamente poética” como vai dizer Audálio Dantas no prefácio do livro “Quarto de despejo”<sup>4</sup>, é lugar também para a imaginação e invenção. Essa narrativa trágica está profundamente marcada nos relatos da fome, da condição de miséria e toda dificuldade que Carolina vive na Favela Canindé.

Essa capacidade que a literatura tem de fazer fluir a imaginação e a realidade é muito mais potente do que imaginamos. A potência do livro “Quarto de despejo”, da escrita de Carolina Maria de Jesus fundada na sua dura realidade, utiliza da sua imaginação, este é o sentido da ficção, não para invalidar nada, mas para ampliar o que ela mesma está querendo enfatizar naquilo que se propõe escrever. A literatura tem essa brilhante capacidade de costurar as coisas, de amarrar bem e coloca-las no lugar que elas devem estar. A literatura também aponta novas possibilidades, abre, amplia, sinaliza, traz a tona, convoca outras perspectivas e formas de olhar. Na verdade, a literatura fornece uma ampla possibilidade de alargar a própria ficção que está presente por antecipação, latente o tempo todo naquilo que nós mesmos chamamos de realidade.

Do sonho, da vontade “de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 2014, p.25), Carolina engravida do mundo, o mundo que ela vive e o mundo que ela deseja viver. Ela sonha e no sonho ela tece a realidade e também a ficção. A ficção não se trata de mentira, ela tem a função de potencializar o mundo e as coisas em nossa volta. A ficção torna possível às pessoas poderem dizer as coisas de outra maneira. Carolina é sensível a isso, ela é criativa em descrever seu cotidiano na favela, ao ponto de transformar narrativas tão dolorosas em verdadeiras obras de arte do texto escrito.

É sobre a potência da literatura que Sevcenko (2003) vai nos dizer ao analisar dois escritores e suas obras, Euclides da Cunha e Lima Barreto, parecem antagonistas não? Mas a proposta de Sevcenko é usar esse antagonismo, suas diferenças para pensar o Brasil. O autor ao referir-se a Euclides da Cunha diz: “que defendiam e celebravam os poderosos do momento, tanto daqui quanto do exterior, em estreita aliança, reservando a eles o futuro do país” (SEVCENKO, 2003, p.22). Prossegue referindo-se a Lima

---

<sup>4</sup> 10ª. Edição da Editora Ática, 2014.

Barreto: “uma minoria de consciência íntegra, animados pela sensibilidade humana, pelo anseio de justiça e pela inteligência crítica, chamando corajosamente, embora em vão, por uma sociedade equilibrada, capaz de enfrentar os efeitos nefastos da escravidão, do colonialismo, da exploração predadora da natureza, tanto quanto de uma modernidade excludente, discriminatória, antidemocrática e concentradora de bens, riquezas e oportunidades” (SEVCENKO, 2003, p.22). O que Svecenko (2003) está chamando atenção é para a potência da escrita de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, potência no sentido mesmo de força da escrita. Ela quer saber a que elas se destinam, a quem elas servem, qual o efeito, impacto delas na sociedade, na vida das pessoas, no mundo etc., a escrita já diz algo por antecipação, já está lindo dizendo.

A literatura de Carolina serve a priori a ela mesma, ela tem necessidade de escrever, ela precisa colocar em algum lugar isso que ela vê, vive, sente e se relaciona – ela elege a escrita, o diário como espaço para externar, elaborar, registrar o que se passa. Ela serve também a sociedade, ela quer denunciar, ela mesma diz que quer mostrar ao mundo, as demais pessoas e as coisas feias da favela. Ela diz em vários relatos sobre sua vida na favela:

Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade (JESUS, 2014, p.16).

O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga (JESUS, 2014, p.47).

Um dia eu discutia com a Leila. Ela e o Arnaldo puzeram fogo no meu barracão” (JESUS, 2014, p.52).

Svecenko (2003) ao referir-se a literatura diz que ela “é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover, mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais?” (SEVCENKO, 2003, p.29). A obra de Carolina “Quarto de despejo” vendeu 100 milhos de exemplares, jornalistas nominaram a obra como best-seller traduzido em 13 idiomas. O que tinha de genial no livro de Carolina de Jesus, se não, a narrativa desumana da

fome e da miséria? Tinha a escrita de uma mulher negra e semianalfabeta falando de uma realidade de dentro dela. A escrita de Carolina está para além das imagens televisas, das páginas de jornais e das notícias de rádio da época. É a leitura oriunda da autoria de uma pessoa de dentro da favela. Quem lia certamente sentia impactado e/ou ao mesmo tempo comovido. A comoção não deixa de ser um recurso do marketing e da mídia e a literatura como bem sinalizou Svecenko (2003) serve disso. Porém, da mesma forma que Carolina em o “Quarto de despejo” comoveu, de igual maneira ele também apagou Carolina dos holofotes midiáticos oriundos do sucesso do livro. Carolina saiu de cena, as luzes apagaram e por pouco ela não volta ao quarto de despejo (a favela).

No entanto, o livro transcende a sua fama, ele chega até os nossos dias sessenta anos após a sua publicação. Logo entendo, que há algo para além de comovente neste livro, existe nele alguma coisa que as luzes midiáticas da fama e do frenesi do mercado livreiro não deu conta de apagar. É que “Quarto de despejo” prossegue falando do Brasil, sua narrativa é atemporal, ela não está fixa na década de cinquenta do século passado. Os dilemas de Carolina prosseguem sendo os dilemas de muitos brasileiros que vivem ainda em condições desfavoráveis. A favela não desapareceu do cenário brasileiro, ela continua sendo marcador de contrastes, dando notícias de um país que não consegue resolver seu problema mais crucial, a vida de pessoas em situação de pobreza, miséria, abandono, condições econômicas e sociais alarmantes. A atualidade de “Quarto de despejo” tem a ver com o dilema que assola o próprio país. E tem sido nas escolas, por pessoas de todos os tipos, que o livro mobiliza coletivos, oferece subsídios para aulas e encontros, enfim, o livro convoca as pessoas de alguma maneira. É a voz de uma mulher preta favelada, fazendo eco no caos incontrolável do Brasil.

A literatura consegue funcionar como local que se movimenta fora da temporalidade, o que explica a atualidade de “Quarto de despejo”, os anos passaram e o livro continua dizendo alguma coisa. Isso tem um lugar no próprio sentido de existência, ou de como o texto prossegue mobilizando pessoas, comovendo, fazendo algum efeito gerador de mudança e transformação. Sobre isso Sevcenko (2003) afirma que “a literatura fornece uma expectativa do ser vi-a-ser” (SEVCENKO, 2003, p.29). Este “ser vi-a-ser” da literatura é o que move “Quarto de despejo”, a escrita de Carolina

Maria de Jesus na vida das pessoas. É como se Carolina continuasse falando e as pessoas prosseguissem entendendo o que ela está dizendo. Sua escrita é invasiva distante de qualquer vazio, ela penetra, entra na vida das pessoas, desestabilizando fortalezas e certezas. Sua escrita avassaladora desacomoda as pessoas e convoca-as a se posicionar. O embate de Carolina, com a fome, a pobreza, a miséria, o racismo, a vida de catadora de papel, o futuro, as possibilidades, a favela etc., são atualizados no instante que “Quarto de despejo” é aberto e uma leitura se inicia.

Carolina em plena década de cinquenta do século passado dá voz a um discurso que ficou paralisado após a abolição da escravatura, ou que as pequenas tentativas de dizê-lo foram silenciadas. Refiro-me a condição e seus efeitos desumanos e excludentes que o período ante e pós-abolição sem rupturas desencadeou em negros africanos, seus descendentes escravizados e na massa pobre que se formava no país em função de um desenvolvimento sem controle fruto da própria formação do povo brasileiro. O Brasil não foi planejado, ele foi um evento, um achado. A escrita literária de Carolina Maria de Jesus coloca em evidencia isso que a própria historiografia brasileira não escreveu, pelo o menos de forma tão clara. Sobre isso Sevcenko (2003) vai dizer: “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu (*ou que não foi contada, grifo meu*), sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram” (SEVCENKO, 2013, p.30). A literatura dá conta de dizer o que a história não dá, é porque na literatura a realidade crucial ganha outro status. É a possibilidade de dizer de outra maneira o que a história não se propõe a dizer, essa outra maneira de dizer tem a ver também com a liberdade que a escrita literária concede àquele que escreve.

Para Sevcenko (2003) a literatura tem poder transformador, se não de for de mudança radical da realidade, ela modifica mentalidades que vão atuar na mudança de realidades. Referindo ao impacto da obra de Carolina Maria de Jesus, seja nos idos dos anos sessenta quando comoveu milhares de pessoas, seja no seu ressurgimento na atualidade, entendo que essa vontade de ler “Quarto de despejo” mobiliza as pessoas não somente na denuncia da realidade, mas na mobilização. Não acredito que o livro “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus esteja sendo utilizado para mero

deleite, o livro é tão crucial, tão nu e cru que não presta a isso. Entendo inclusive que a obra deve causar desconforto, incômodo, má digestão. Ocupar esse lugar de obra/livro que causa efeito incômodo pode ser fundamental e interessante para um mundo cada vez mais fadado a mesmice e a imbecilidade. Tem um efeito de desacomodar as pessoas e despertá-las para um sentido de mundo. Sobre isso, referindo-se a literatura Sevcenko (2003) diz: “A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendrem ideias ou fantasmas somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e mobilizar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega faziam” (SEVCENKO, 2003, p.284).

Carolina narra em “Quarto de despejo” sua própria história vivida na favela no contato com seus filhos, com os vizinhos, com as pessoas que encontra pelo caminho. Ela é personagem-narrador, ela participa da sua história enquanto narra sua realidade ficcional. Carolina mesma se vê com uma missão difícil, deseja que as pessoas leiam o que ela escreve. Ela diz: “... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isso e mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 2014, p.46). Há um empenho, se não um esforço em deixar evidente que seu diário é para ser lido. Carolina quer que as pessoas saiba o que se passa na vida miserável da favela. É neste sentido que Sevcenko (2003) vai nos dizer do lugar da literatura como missão. O historiador se apropria de um personagem de Lima Barreto no seu romance “Clara dos Anjos”, para dizer desse lugar-potência da literatura:

O personagem-poeta Leonardo Flores sugere como se processa esse encantamento e de que sentido ele procura insuflá-lo: ‘A arte ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la porque ela representava não só a minha Redenção, mas toda a dos mais irmãos, na mesma dor’. Atente-se para a sutileza da colocação: a literatura não representava um meio para a redenção do autor e seus irmãos, ela representava a própria Redenção em si mesma. Eis a razão pela qual Leonardo Flores podia suspirar ao fim, plenamente satisfeito consigo e com sua realização: ‘porque cumprir o meu dever, executei a minha missão: fui poeta’ (SEVCENKO, 2003, p.284).

Podemos entender que a dimensão do livro de Carolina Maria de Jesus seja no passado e na atualidade, refiro-me aos lugares e pessoas que ele atingiu, cumpriu o papel que o tempo todo ela (ele o diário/livro) se dispôs. Ela quer escrever sobre a favela, sobre sua vida de catadora de papel e comunicar isso ao mundo. Carolina quer

que as pessoas saibam o que se passa no submundo da favela. Ela se propõe e impõe pra si essa missão de revelar ao mundo a verdade da vida do pobre nas favelas. Sua voz repercute e ela se torna porta-voz dos pobres e favelados. “Quarto de despejo” continua ocupando esse papel militante no discurso do submundo das favelas, ou seja, o livro fala da pobreza, da miséria, do racismo, da negritude, dos pobres, da favela, da vida subordinada, do desemprego, do país, dos políticos, da maldade das pessoas, fala do cotidiano de vida de trabalhador catador de papel. É essa a insistência de “Quarto de despejo”, continuar falando para as pessoas o que Carolina Maria de Jesus se propôs.

## **Bibliografia**

CÂNDIDO, Antonio. “O significado de Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FARIA, Tom. Carolina – uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

LEVINE, Robert M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. Latin American Research Review. vol. 29, no. 01 (1994), p.55-83.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura e Antropologia – O Concerto Universal. Trabalho apresentado no 1º. Congresso Brasileiro de Literatura Comparada, realizado em Porto Alegre, junho de 1988. Disponível: [www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ctl/article/download/10136/9052](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ctl/article/download/10136/9052). Visitado entre os dias 25/07/2019 a 02/08/2019.